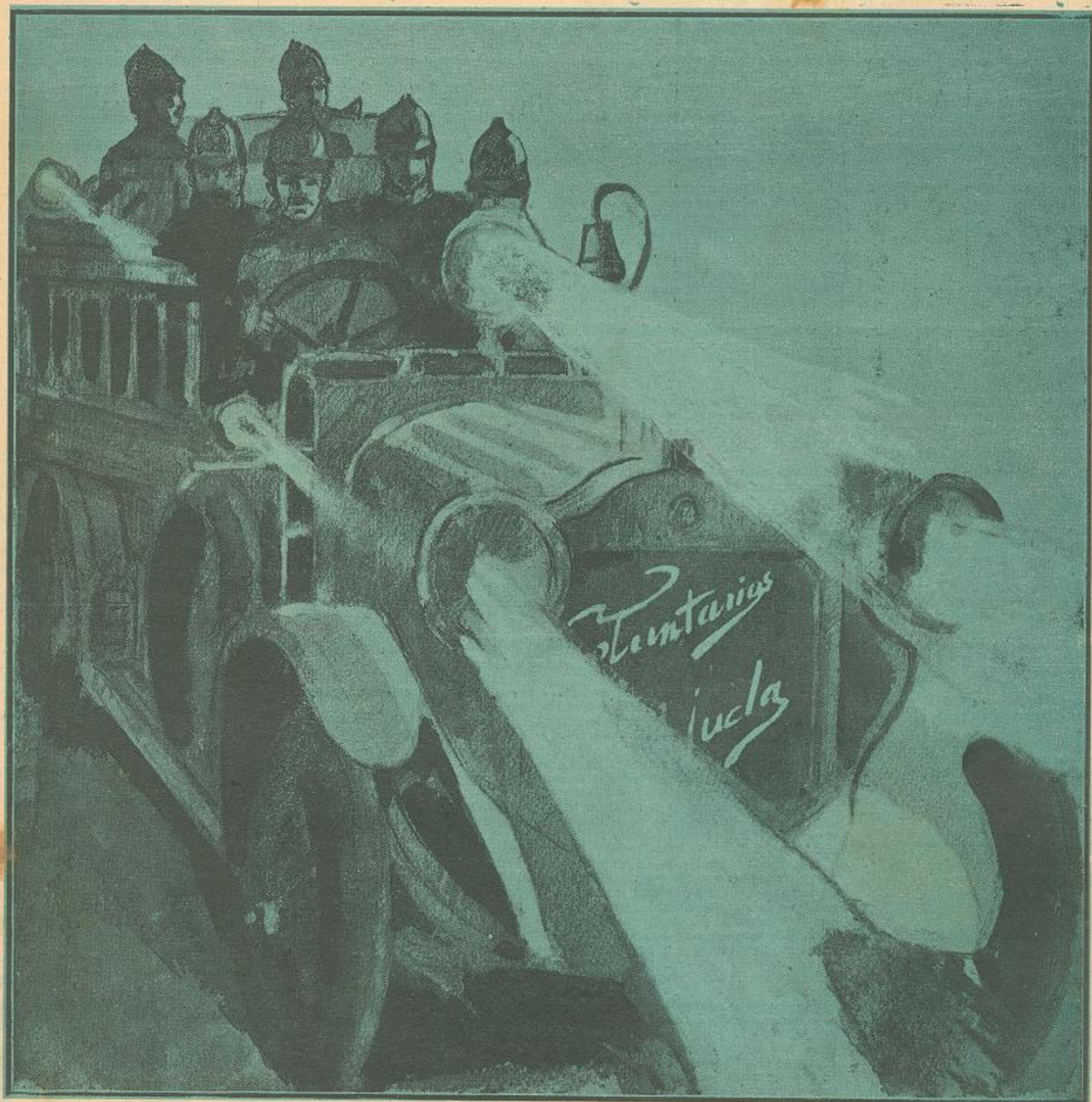
A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 29 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Os grandes benemeritos da cidade!

Croquis duma das novas e admiraveis viaturas de pronto socorro dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, que emquanto a população dorme, atravessam velozes a cidade, correndo aos locais dos sinistros.

Veja o nosso concurso de novelas curtas

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 40

LISBOA 18 DE OUTUBRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. o Seculo, 150

ECOS

Assim, sim!

No congresso radical, um cidadão, segundo o relato do «Noticias» terminou o seu discurso apresentando á assembleia uma menina, de nome Flavia, sua filha, a fim de recitar versos.

O orgulho progenitor, buscou assim, com aquela apaziguadora derivante poetica, um fecho doce á sua politica.

De todo o ponto louvavel.

Achamos mesmo mais—as meninas devem não só comparecer nos congressos furiosos da politica, mas até nos parlamentos, que são as consequencias, ou nas revoluções que são as causas. Realmente essas entidades da «menina do raminho» e da «menina dos versos», que são a suprema nota poetica da Republica vão fazendo falta.

Quem sabe se o 19 de outubro, cujo aniversario sangrento passa na noite de hoje, se não podia ter evitado, se houvera uma menina Flavia a dizer versos retumbantes e uma outra não menos Flavia empunhando sorridente um classico raminho para os vencedores.

Ah! impagavel e deliciosa terra esta do Borda-d'Agua!

Foot-Ball de Salas

Ha dias realizou-se num dos nossos campos de «sport» um desafio de jogo da bola entre dois grupos de mulheres belgas.

Fartaram-se os jornais de grande informação e tiragem, de pregar normas da delicadeza, de fazer ver ao heroico povo de Lisboa, que mulheres, quer aos pontapés a uma bola, quer a tomar chá nos restaurants afamados, são sempre mulheres e que é um dever de todo o cidadão, usar do maximo respeito e da maior delicadeza para com todas as representantes do sexo feminino.

Pois apezar de tudo, mau grado as recomendações, o publico que assistia ao desafio, portou-se indecorosameute, dizendo chufas e mais palavriado pela toada, a ponto de algumas das jogadoras se insurgirem e pedirem a intervenção do arbitro que apenas se limitou a rogar á policia para não consentir aquela vergonha, na consciencia logica de que se perdesse a cabeça e desse duas bofetadas em qualquer dos rapazes finos que assistiam ao jogo, o menos que lhe podia acontecer era ser preso como implicado em qualquer movimento e ir gemer para uma esquadra.

E fica a gente muito admirado quando no estrangeiro se diz que Portugal é um país que não existe na Europa!

Problemas de Palavras-Cruzadas

Abrimos hoje no nosso jornal um concurso de palavras-cruzadas que por certo vai causar grande interese entre os apaixonados do inteligente passa-tempo. E' o primeiro do genero que se faz em Portugal e, dado o numero de cultivadores desse «sport-mental» é de crêr que obterá um enorme sucesso.

BOM AVISO

O EXPLORADOR:—O' senhor! Olhe que se esqueceu de me deitar sal!

ECOS

Não pode ser!

Um bandido qualquer — qualquer não, da peor especie — assaltou uma casa onde dormiam tranquilamente duas mulheres honestissimas, trabalhadoras, dignas de todo o respeito, e chacinou-as com o maior cinismo e cobardia. Se a cena se tivesse dado algumas centenas de kilometros para o ocidente, em Espanha, esse facinora estava já morto. Como a scena foi em Lisboa, pode rir cinicamente e jogar a bisca no governo civil.

Pregunta-se:

Para onde vamos nós parar?

Em nome de que generosidade ou brandura de costumes, ou transigencias ignobeis, se chega a isto?

Não ha pena de morte—mas existe a ampla licença de matar a sangue frio, por rude e bestial vingança, e com que travo de amargura se conclue:—em que mãos, a que cerebros, está entregue a felicidade do nosso Pôvo!

Ruas com nomes ilustres

A revista «De Teatro», comemorando ha dias um aniversario, ofereceu aos seus colaboradores um almoço em Cintra. Fiudo o banquete todas as pessoas que a ele assistiram, autores, escritores, jornalistas, homens de teatro, foram inaugurar na linda vila a «Rua José Ricardo», uma simpatica e singela homenagem que em Cintra ficou tendo o ilustre artista dramatico que tanto brilho deu ao teatro portuguez.

Como os nomes das ruas são a constante preocupação da Camara Municipal de Lisboa, vem a talhe lembrar á ilustre vereação um nome que pode honrar qualquer rua da cidade: «Angela Pinto». Artista de genio, uma das maiores comediantes de que o nosso teatro se pode orgulhar, é de toda a justiça que a camara batise uma das nossas avenidas novas com o nome da grande actriz que o povo de Lisboa tão bem conhecia e que ela acarinhava constantemente na lhaneza enorme do seu grande coração.

Má língua

P'RO—EXERCITO

Não imaginem que e de iconoclasta
esta sêde feroz que me devasta
de zurzir tanto que o transforme em pasta
esse estendal que por ahi se arrasta.

Palavras ôccas, desta ou de outra casta
são echo vão cujo poder não basta.
Isto não vae com oratoria gasta,
por mais sincera e mais enthusiasta.

Só quem brandir descommunal vergasta
e a manejar com artes de gymnasta,
póde fazer uma limpeza vasta
em bichêza tão avida e nefasta.

E' o Rei da Madureza que me empresta
a faculdade de bater na testa
e achar de prompto a rima prompta e lesta
com que apontar os podres desta festa?

Talvez. Mas é uma coisa manifesta
que esse senhor não foi nenhuma besta,
contrapondo o que presta ao que não presta
em rima repetida como esta.

Quem a achar maçadora ou indigesta
vá pentear chimpazés para a floresta,
pois inda agóra o meu canhão se assesta
para gastar a polvora que resta.

Fóra! Fóra! E' uma coisa nunca vista
o que essa grey de rótulo esquerdista
anda a fazer, com golpes de faquista,
sem encontrar ninguem que lhe resista.

Cada tolo pintado de estadista
surge com sua ideia reformista.
Esta febre quer medico alienista.
Este abcêsso quer geitos de dentista.

Já quasi não ha farda que se vista
sem a impressão de se sentir malquista
e de estar á mercê de que um fadista
lhe abata a espada—levantando a crista.

O Sr. General Gomes da Costa
botou um manifesto, em que desgosta
essa matula que nos foi imposta
por um sujeito que tambem é Costa

A' laia de louvor e de resposta,
veio á liça o brilhante Cunha e Costa
que tem a intelligencia predisposta
para vencer as turbas com que arrosta.

Oxalá toda a gente que se encosta
a um vão sebastianismo, e se desgosta
por ver tanto marau subindo a encosta
na pista de uma pasta ou de uma posta.

acorde emfim para uma causa justa,
ouvindo a voz que falla e não se assusta
se aquillo que proclama não se ajusta
á Brazilleira—onde o viver não custa.

O que souber, com sua mão robusta,
tombar por terra toda a lei injusta,
todo o bixo que vive á nossa custa,
—vencendo «a hydra» em valorosa justa,

o que tornar a nossa vida adusta
numa corrente placida e venusta,
terá uma estatua em plena Rua Augusta
maior que o ascenssor de Santa Justa!...

TAÇO

questão prévia

LISBOA vai ter, pelo menos, este ano, a sua festa dos mercados. A iniciativa dos camaradas do «Diario de Lisboa» congregou em seu redor as melhores vontades e as mais estremadas competencias da gente dos jornais e dos artistas, que entendem que é preciso fazer participar o povo em festas em que a tradição pitoresca substitua a politiquice repelente e em que á alegria se ergam as hossanas, que nas manifestações populares costumam cantar-se a qualquer politico em evidencia.

A festa dos mercados, como eu a visiono e como creio que a estão preparando os seus organisadores, deverá ser uma parada do pitoresco e da graça ingenita da gente do povo, que é a camada da população onde se encontram ainda bem vincadas caracteristicas nacionais, refractario como é o povo a influencias extranhas, cioso dos seus previlegios e orgulhoso da sua ignorancia que o impede de se abastadar,

Vão dizer-me que a festa que se prepara, com o sêu cortejo e a sua eleição da Rainha dos Mercados, a importamos directamente de Paris, que não está nos nossos usos e tradições, que nela transparece a influencia imediata dos costumes francezes, de que ha muito vem sofrendo a vida nacional nas suas varias modalidades.

Não vejo a influencia que nós, os homens das letras e das artes, constantemente estamos recebendo do espirito gaulez, nem por um patriotismo ôco e sem freio me lanço na investigação historica, á cata de qualquer facto perdido entre as brumas do passado, em que possa filiar a projectada festa dos mercados, para o exibir jactanciosamente como primasia em iniciativa do genero.

Mas confio inteiramente na colaboração do povo para dar á festa importada todas as caracteristicas duma perfeita adaptação, enraizando-a nos nossos costumes e desfrancesando-a das suas origens, enfim, lançando as bases duma tradição a perpetuar.

Que importa que se vá buscar aqui ou além o costume ou palavra, com a sua galanteria ou a sua propriedade? O que interessa, nesta hora em que o telegrafo mais ou menos sem fios e outros meios velozes de comunicação tão estreitamente aproximam os povos, é que eles entre si troquem usos, costumes e até vocabulos, mas que cada um conserve a sua individualidade, imprimindo-a imediata e profundamente nos artigos importados.

* * *

Sob este ponto de vista estou tranquilo. A festa dos mercados lisboetas terá um cunho bem português. Basta, para o garantir, a larga parte que na festa vão tomar as ovarinas, as mais castiças e marcantes figuras das classes populares da cidade.

E' vêr como elas, passando a vida entre o cosmopolitismo da urbe, se aferram ao seu trajar tradicional e não cedem á moda senão naquilo que lhes pode trazer alguma comodidade, como por exemplo, o decote das blusas, em que todavia, mantiveram o corte espartilhado, que lhes valorisa a tumecencia dos seios fecundos e hirtos, n'uma coragem de exibição que deveria encher de vergonha as senhoras, que em holocausto às modas parisienses tentam suprimir o que natureza lhes deu de mais gracioso, açamando o seio com «soutient-gorges» e dando-se o aspecto vagamente ondulados de tabuas de ensaboar.

Elas, as ovarinas, darão á festa dos mercados a mesma nota de sinceridade com que na rua se exibem: serão francamente mulheres e alegremente do povo.

PARADOXO

—Eu quando trabalho preciso beber e quando bebo, não trabalho!

HUMORISMO

crónica alegre

A MORTE DE JULIO CESAR

Por MARK-TWAIN

NÃO há nada no mundo que dê ao *reporter* dum jornal tanta satisfação como apanhar os pormenores dum assassínio sangrento e misterioso, e descrevê-lo com todas as circunstâncias agravantes. Sente um vivo deleite nesse trabalho de amor—pois para êle assim é—especialmente se sabe que todos os outros jornais já estão na máquina e que o seu há de ser portanto o único que dê a espantosa noticia. Muitas vezes tenho tido uma sensação de pesar por não ter sido *reporter* em Roma quando Cesar foi morto—*reporter* de um jornal da noite e único em toda a cidade, saíndo pelo menos doze horas adiante dos vendedores do periódico da manhã com a mais esplêndida *local* que até hoje tem cabido em lote ao nosso oficio. Outros acontecimentos teem havido tão comoventes como êsse, mas nenhum possuiu tão particularmente todos os caracteristicos da *local* favorita dos nossos tempos, exaltada em grandeza e sublimidade pela elevada posição, nomeada, e jerarquia social e política dos actores que nêle tomaram parte. Tenho-me visto muita vez, por pensamentos, barafustando em toda a velha Roma, obrigando os militares, os senadores e os cidadãos a descozerem-se cada um por sua vez, e eu a transferir *todas as particularidades,* deles para a minha carteira.

Ah! se eu tivesse vivido naqueles dias, teria escrito essa local apaixonadamente, temperando-a com seu bocado de moralidade nuns pontos e enchendo-a de sangue noutros; deixando escuro algum tremendo mistério; derramando em toda ela louvores e compaixão para uns, informações falsas e injúrias a outros (aos não assinantes do jornal), golpes sangrentos, tons de admoestação sobre as tendências da época, descrições extravagantes da excitação havida na casa do senado e na rua, e toda a espécie de cousas.

Todavia, se me não foi permitido fazer a noticia do assassínio de Cesar pelo seu caminho regular, foi-me pelo menos proporcionada a rara satisfação de traduzir a seguinte excelente narrativa dele, do original latino: *Os fastos diários da tarde,* daquela data,—segunda edição.

* * *

«A nossa ordinariamente tranquila cidade de Roma foi ontem posta num estado de tumulto e de excitação pela ocorrência de um dêsses atentados sanguinários que revoltam o coração e enchem a alma de espanto, ao mesmo passo que inspiram, a todos os homens pensadores, funestos presságios sobre o futuro duma cidade onde a vida humana se vende a preço tão vil, e onde as leis mais sérias são tão abertamente afrontadas. Cnmprimos o nosso penôso dever de jornalistas públicos, noticiando, como consequencia daquele atentado, a morte dum dos nossos mais estimados cidadãos—um homem cujo nome é conhecido em todos os pontos por onde esta folha circula, e cuja reputação tivemos sempre o prazer e o previlegio de dilatar, como tivemos os de protegel-a contra a lingua da calúnia e da maledicência com os melhores esforços dos nossos limitados recursos. Referimo-nos ao sr. Júlio Cesar, imperador eleito.

«As particularidades do acontecimento, tanto quanto o nosso *reporter* pôde apural-as no meio das narrativas contraditórias de testemunhas oculares, são as seguintes: O motivo principal, como se sabe, foram as eleições. Nove décimos das carnificinas medonhas, que desonram a cidade hoje em dia, nascem das desinteligências, das intrigas e das animosidades geradas por essas malditas eleições. Roma tinha muito a ganhar se as suas mais ínfimas autoridades fossem eleitas para servirem por um século; porque na prática nunca fomos capazes de escolher um enxota cães sem celebrarmos o acontecimento com meia dúzia de desordens sérias, e sem se encherem as estações de guarda com bêbados e vadios toda a noite. Conta-se que, quando no outra dia foi declarada no mercado a imensa maioria de listas a favor de Cesar, e a corôa foi oferecida a êste cavalheiro, nem mesmo o seu admiravel desinteresse em recusal-a por três vezes foi suficiente para o pôr a coberto dos baixos insultos de homens tais como Casca, do décimo bairro, e outros galopins do candidato vencido, principalmente dos do décimo primeiro e décimo terceiro distritos suburbanos, a muitos dos quais houve quem os ouvisse falar com desdem e ironia da conduta do sr. Júlio Cesar, naquela ocasião.

«Somos além disso informados de que muitos pensam que êles se justicam acreditando que o assassínio de Júlio Cesar era uma cousa assente—uma combinação devidamente preparada, disposta em todas as suas partes por Marco Bruto e por uma porção dos seus assalariados, e apenas levada a cabo do modo excessivamente fiel ao programa. Se há boas razões para esta suspeita ou não, deixamos essa averiguação ao bom criterio dos nossos leitores, recomendando-lhes apenas que devem lêr a seguinte descrição, cuidadosa e desapaixonadamente antes de formularem o seu juizo.

«O Senado estava já em sessão, e Cesar descia a calçada que conduz ao Capitólio, conversando com alguns amigos pessoais, e seguido, conforme o costume, por um grande numero de cidadãos. Justamente quando passava em frente da drogaria de Demosthenes e Thucydides, observava casualmente a um cavalheiro, o qual segundo assevera o nosso informador era um adivinho, que tinham começado os Idos de Março. O cavalheiro respondeu-lhe: «E' verdade, já começaram, mas não acabaram ainda.» —Nesse momento, Artemidoro aproximou-se, fez-lhe a saudação própria da hora que era, e pediu a Ceear que lêsse um rôlo ou discurso ou qualquer cousa dêste género que trazia para submeter á sua atenção. O sr. Décio Bruto tambem disse algumas palavras a respeito de uma «humilde petição» que desajava que fôsse lida. Artimedoro pediu que lhe fôsse dada atenção em primeiro logar, por ser questão de interesse pessoal para Cesar. Este observou-lhe que, visto isso, tratando-se de negócio que a si próprio respeitava o ouviria em último logar, ou dirigiu-lhe outras palavras que significauam o mesmo. Artemidoro pediu-lhe e suplicou-lhe que lêsse o pergaminho no mesmo instante (1). Todavia, Cesar repeliu-o, e recusou-se a lêr fôsse o que fôsse na rua. Entrou então no Capitólio e a multidão seguiu-o.

«Por essa ocasião foi surprehendida a seguinte conversa. Parece-nos que, pondo-a em conexão com os factos que sucederam, se lhe encontra uma significação medonha. O sr. Papilio Lena observou a Jorge W. Cassio (espadachim assoldadado pela oposição) que esperava que a sua empreza fôsse naquele dia bem sucedida; e quando perguntou: «Que empreza?» o outro limitou-se a fechar o olho esquerdo por um momento, e disse com simulada indiferença. «Passe muito bem» e foi-se encaminhando vagarosameute para Cesar. Marco Bruto que é suspeito de ter sido o cabeça do bando que matou Cesar, perguntou o que é que Lena tinha dito. Cassio disse-lh'o, e acrescentou: «*Tenho receio de que o nosso plano esteja descoberto.*»

«Bruto recomendou ao seu asqueroso cumplice que não perdesse Lena de vista e um momento depois Cassio incitou o famigerado e famélico vadio, Casca, cuja reputação aqui não é das melhores, a andar depressa, porque *temia alguma prevenção.* Dirigiu-se em seguida a Bruto, aparentemente muito excitado, perguntou-lhe o que se havia de fazer, e jurou que ou êle ou Cesar *não sairiam mais dali*—que primeiro se mataria a si mesmo. A êsse tempo Cesar estava conversando com alguns membros provincianos do senado a respeito das próximas eleições gerais, e não prestava atenção ao que se passava em redor dele. Guilherme Trebonio entrou em conversação com o amigo do povo e de Cesar—Marco Antonio—e sob qualquer pretexto afastou-se com êle; e Bruto, Decio, Casca, Cina, Metelo, Cimber, e outros da quadrilha de infames energúmenos que infestam Roma presentemente, fizeram círculo em tôrno de Cesar—por êles já condenado. Então Metelo Cimber ajoelhou em terra e implorou que seu irmão fôsse retirado do exílio, mas Cesar increpou-o pelo seu proceder baixo e vil, e recusou-se atender-lhe o pedido. Imediatamente á súplica Cimber, primeiro Bruto e depois Cassio rogaram-lhe que mandasse regressar o exilado; mas Cesar recusou tambem.

Disse que ninguem o podia mover: que era tão fixo como a estrela do norte, e pôz-se a falar nos termos mais entusiastas da firmeza daquela estrela e da constancia do seu caracter. Afirmou que era como ela, mostrando estar convencido de ser em todo o país o único homem dêsse feitio; portanto, se tinha sido *constante* em entender que Cimber devia ter sido exilado, era tambem *constante* em entender que devia permanecer no exílio, e antes quizera

(CONCLUE NA PAGINA 4)

(1) Note-se isto: é afiançado por Guilherme Shakspeare, o qual viu o começo e o fim da desgraçada questão, que êste ôlho e a simplesmente uma nota revelando a Cesar que estava formada uma conjuração para lhe arrancar a vida.

UMA VEZ É A PRIMEIRA

—Você já foi condenado alguma vez?
—Não senhor!
—Então sente-se que vai sê-lo agora!

FALTA DE PRATICA

Arranjei-a boa! Então não me fui apear julgando que o aeroplano era como um carro electrico!

Sports

ATLETISMO

O I Portugal-Hespanha

A EQUIPE PORTUGUEZA

Estão finalmente firmados os topicos do primeiro concurso de sports atleticos entre os dois paizes da peninsula e que servirão de base á disputa do «Trofeu Iberico» instituido pela Real Federação Hespanhola.

Por insistentes pedidos da Federação visinha, as provas do torneio foram elevadas a catorze, para um total de quinze atletas. A desproporção mantem-se, como se os especialistas de atletismo tivessem a obrigação de serem enciclopedicos, o que não é logico, obrigando os organismos dirigentes a um trabalho possivelmente ingrato, de seleção.

Se em cada prova, tivessemos por campeões, elementos diferentes, como sucede geralmente na America do Norte, o problema era manifestamente insoluvel e a proporção indicada não podia ser satisfeita. Porem os nossos progressos não atingiram infelizmente semelhante perfeição, o que facilita o trabalho dos selecionadores e mesmo n'algumas provas, sendo reconhecida o nossa inferioridade, desnecessario se torna enviar dois representantes.

Estão n'estas condições os saltos á vara, os lançamentos do disco e dardo e mesmo talvez o do peso, em que podemos aspirar o maximo a uma terceira classificação. E como esta é feita por 3, 2, 1, 0, o quarto classificado não lhe sendo atribuido valor algum, é um elemento inutil.

Como o torneio se realisa já nos dias 24 e 25 e os nossos atletas devem seguir para Madrid na proxima quarta-feira. Atendendo ainda á quadra que atravessamos, impropria já para concursos de atletismo, as provas de seleção não poderam ter o rigorismo necessario e a formação da equipe foi baseada pelos resultados da epoca. No entanto, é interessante salientar, que os poucos conhecedores do metier, que possuimos, selecionando em separado, formaram todos a mesma equipe. Esta representa pois, o melhor que possuimos de momento.

Eis a sua formação.

«100 metros»—Gentil dos Santos, Guerreiro Nuno ou Salcêdo.

«200 metros«—Gentil dos Santos, Karel Pott ou Salcêdo.

«400 metros»—Gentil dos Santos e Abilio do Nascimento.

«800 metros»—Abilio do Nascimento, A. Dias ou Oscar de Carvalho.

«1500 metres»—João Chaves e Antonio d'Almeida.

»5000 metros»—João Marques Graça e José Maria Marques.

«110 m. barreiras»—Honorio Costa e Karel Pott.

«Saltos em altura»—Pascoal d'Almeida e Apio d'Almeida.

«Saltos em extenção»—Apio d'Almeida e Karel Pott.

«Saltos á vara»—Moura Braz.

«Peso»—Antonio Cardoso ou Pires de Castro.

«Disco»—Antonio Cardoso ou Pires de Castro.

«Dardo»—Honorio Costa.

«Estafeta 4 x 100»—Gentil dos Santos, Guerreiro Nuno, Karel Pott e Salcêdo.

A' hora a que aparecerá o nosso jornal deve estar resolvida a escolha de G. Nuno, Karel ou Salcêdo nos 100 e 200 metros. Egualmente Marques Graça, o nosso admiravel especialista de meio-fundo, que nas ultimas semanas tem estado um pouco doente, terá feito uma exibição comprovativa. Caso tenha de ser excluido, o que enfraquecerá muito a nossa equipe, Antonio d'Almeida substitui-lo-ha nos 5.000 metros. A ida de Pires de Castro depende pois da seleção de Marques Graça. Antonio Cardoso no peso com os seus lançamentos normaes acima de onze metros poderá talvez obter uma 2.ª classificação. No disco, a sua inclusão é simplesmente honorifica visto que os hespanhoes possuem dois representantes que atingem mais de 35 metros e de todos os nossos atletas em atividade, nenhum conseguiu 32 metros, esta epoca.

Atendendo á organisação tardia e inesperada do torneio e consequentemente á deficiente fórma da maioria dos nossos representantes, não somos optimistas no resultado do primeiro encontro entre as duas nações da Peninsula. Como de futuro, tudo será previsto e realisado com o tempo indispensavel nestas organisações as nossas chances duplicarão e é de prevêr, que a serie de derrotas sofridas pelo nosso foot-ball, não tenha imitações, no atletismo.

C. LEAL

OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

VIZEU — Realisou-se um encontro entre as 1.as categorias do Sport Lisboa e Viseu e o Grupo União Foot-Ball. Apesar deste ultimo grupo ter reforçado a sua linha com valiosos elementos do «Academico», coube a victoria ao primeiro por 4-1.—C.

PORTIMÃO — Acaba de falecer n'esta cidade vitimado por febres intestinaes, o distinto sportsman e antigo guarda-rede do Imperio de Lisboa, e actual guarda-rede do Gloria ou Morte Portimonense, o sr. Luiz Madeira, rapaz muito considerado pelas suas qualidades morais e sportivas.—C.

TORRES NOVAS — Coincidindo com a estreia da luz electrica n'esta vila, houve a inauguração de uma bandeira na séde do Torres Novas Foot-Ball Club o melhor e mais disciplinado club local. Houve um pequeno jantar em que se levantaram inumeros brindes por todos os grupos locaes e pela imprensa desportiva, entre ela o «Domingo Ilustrado» representado pelo seu correspondente.—C.

PORTO—S. C. Povoa—2—Romaldense—2 F. C. Porto—4—S. C. Salgueiros—2.—Foram estes os resultados dos primeiros desafios oficiais da epoca 1925-26. O primeiro encontro, entre dois grupos recentemente promovidos não teve nem merece historia. Jogar a bola pior, só as belgas conseguem . . . malgré tout.

O segundo despertou, como sempre, um interesse extraordinario e o que é raro, chegou ao fim quasi sem incidentes. Ambos os grupos se bateram bem. O Salgueiros poz na luta a sua já tradicional energia, o campeão de Portugal jogou mais serenamente, com mais tecnica e portanto com mais proveito. A vitoria que alcançou foi justa e merecida.—C.

LOUSÃ, 13—No campa desta vila realisou-se no passado domingo, como estava anunciado o 1.º encontro de foot-ball entre o Lousã Foot-Ball Club e o Grupo Recreativo Musical 1.º de Janeiro, dos Olivais—Coimbra.—A's 4,30 horas estavam os jogadores em campo, onde, os capitães dos dois grupos trocaram ramos de flores, sendo vivamente aclamados por uma multidão que se compunha aproximadamente de 2.000 pessôas.

O pontapé de saida foi dado pela gentil filha do Ex.mo Sr. Reis Gonçalves, Presidente da A. F. de Lisboa, continuando e encontro que terminou na 1.ª parte com 3 bolas a favor da Lousã, tendo esta vencido por 7-0.

A arbitragem a cargo de Arlindo Lima, da União F. C. C., foi boa e imparcial.

O grupo da Lousã era constituido pelos seguintes jogadores: — Mesquita, Borges de Melo e Joaquim da Piedade, Ferreira, Natividade e Adalberto, Xico Correia, José da Silva, Oscar Santos, Antonio Machado e Daniel.

Neste grupo distinguiram-se: Mesquita Natividade, Machado Borges. Joaquim e José da Silva, a pesar de todos os outros jogadores bastante terem contribuido para a vitoria dos Lousanenses.

No Grupo de Coimbra: Mizalla, Barbosa e Simões, sendo o conjunto fraco e com pouca ligação. E' este o 1.º desafio de foot-ball que se realisa na Lousã, tendo a população desta vila ficado optimamente impressionado com o jogo desenvolvido, que, realmente teve fazes interessantes.

Após o encontro foi oferecido pelo club vencedor, aos jogadores coninbrincenses, um copo d'agua que decorreu no meio de grande entusiasmo, tendo-se trocado entusiasticos brindes.

A direcção do L. F. C. era formada pelos Ex.mos Srs. M. Lacerda Lopes, Mario Mariano P. Angelo e José Carranca, filho, direcção esta a quem se deve a formação do grupo Lousanense e que empregou para a realisação deste encontro todo o seu esforço e boa vontade possiveis, felicitando-a nós pelo bom exito que o seu club obteve no 1.º desafio que realisou.

Deve realisar-se no proximo domingo um encontro com o Argus Foot-Ball Club, d'Arganil, ou com o Bancario, de Coimbra.—C.

A MORTE DE JULIO CESAR

(*Continuação da pagina 3*)

ser morto do que deixar de o conservar assim!

«No mesmo instante, lançando mão dêste pequeno pretexto para o ataque, Casda arrsmessou-se sobre Cesar e feriu-o com um punhal. Cesar agarrou-o pelo braço com a mão direita e atirando-lhe imediatamente um murro ao ombro com a esquerda, estendeu o reptil banhado em sangue no chão. Recuou em seguida até junto da estátua de Pompeu, e quadrou-se para receber os assaltantes. Cassio, Cimber e Cina precipitaram-se sobre êle com os punhais nus, conseguindo o primeiro vibrar-lhe um golpe; mas antes dele o poder ferir de novo, e antes de qualquer dos outros lhe dar o primeiro golpe, Cesar estendeu os três miseraveis a sens pés com outros tantos sôcos do sen poderoso pulso. A êste tempo o Senado estava num tumulto indescritivel; os cidadãos em avultado numero que se encontravam nos corredores tinham bloqueado as portas nos seus irreflectidos esforços para saírem do edificio; o sargento da guarda com os soldados que o acompanhavam lutavam com os assassinos; veneravsis senadores tinham posto para o lado as suas embaraçosas togas, e saltavam por cima dos bancos fugindo por debaixo das naves em desordenada confusão e procurando abrigar-se nas salas das comissões; mil vozes bradavam: «Guarda! Guarda!» em tons discordantes que se ouviam acima do pavoroso alarido como os ventos sibilantes se ouvem acima dos rugidos da tempestade. E no meio de tudo o grande Cesar permanecia firme com as costas voltadas para a estátua, como um leão atacado, e batia-se com os seus assaltantes, sem armas e braço a braço, com o porte arrogante e firme coragem que muitas vezes antes mostrára em mais de um campo de batalha. Guilherme Trebonio e Caio Legario feriram-o com os seus punhais e caíram como antes deles os outros conjurados tinham caído já. Mas, por fim, quando Cesar viu o seu velho amigo Bruto avançar para êle, armado com o punhal assassino, diz-se que se mostrou totalmente abatido pela mágua e pelo assombro, e deixando pender ao lado o seu invencivel braço esquerdo, escondeu o rosto nas dobras do manto, e recebeu o golpe desleal sem o mínimo gesto para suspender a mão que lh'o vibrou. Apenas disse: «*Et tu Brute?*» e caíu sem vida no mármore do pavimento.

«Segundo nos informaram a túnica que o assassinado trazia vestida quando o mataram era a mesma que tinha vestido na sua tenda na tarde do dia em que venceu os Nervios, e quando a despiram ao cadaver estava cortada e golpeada em não menos de sete pontos diferentes. Não tinha nada nos bolsos. la levantar-se o corpo de delito, ficando depois o cadaver exposto, e instaurando-se o devido sumário contra os assassinos. Estes últimos factos merecem todo o crédito, porque nos foram relatados por Marco António, cuja posição o habilita a conhecer todos os pormenores que se relacionam com o assunto palpitante do dia.

A' ultima hora.—Emquanto o juis fazia a convocação do juri, Marco Antonio e mais alguns amigos do falecido Cesar pegaram no corpo e transportaram-o para o *Forum*, estando á hora em que escrevemos, António e Bruto pronunciando discursos em frente dele e excitando tal indignação no povo que o chefe da policia teme que se levante algum grande tumulto, e toma medidas preventivas nessa conformidade.»

PARA SE APRECIAR DEVIDAMENTE UM AUTOMOVEL . . . basta ler o livro que tem este titulo, que está devidido em cinco capitulos e se apresenta numa cuidada edição ilustrada. Ao contrario do que pode supor-se, não é leitura só para tecnicos da especialidade. Pelo contrarto; folheia-se com prazer, sem parar, a 100 quilometros á hora . . .

Tereza LEITÃO DE BARROS

TEATROS

"TREMIDINHO"

Faz exame para actor

COMO só tinha representado como amador em palcos particulares, quando foi da invasão de socios da A. C. T. T. não quiz entrar para essa agremiação porque dizia com os botões do meu colete:

—A Direcção não é tão imbecil que vá aprovar como socio-actor qualquer palerma que chegue á séde e que simplesmente afirme que tambem pinta a cara!

Pois enganei-me! Aprovou tudo e todos tiveram direito ao diploma sem maçadas!

De sorte que, eu que tenho um tremendo facataz pelo teatro, eu que quero ser actor, não tive outro remedio senão ir fazer exame... d'uma coisa que queria aprender, e lá tive que me inscrever na Escola de Arte de Representar, afim de que os ilustres professores se pronunciassem sobre se eu tenho o direito de ser actor ou se a profissão é só para os que pagam as matriculas no Conservatorio.

* * *

No dia marcado apresentei-me na Escola e, diante dos ilustres professores procedeu-se á tiragem dos «pontos» Era-mos sete os concorrentes. A uma senhora que quer ser atriz de revista, sahiu o «Auto da Cananea» de Gil Vicente, a outra que vai para a comedia, o segundo acto do «Frei Luiz de Sousa» de Garrett a outra que quer ser actriz de variedades, coube a «Salomé» de Oscar Wild, e a mim que tencionava ir para a opereta «A triste viuvinha» de João da Camara. Achei que nada d'aquilo correspondia ás nossas vocações, que eu ia concerteza fazer muito mal a «Viuvinha» e que talvez não me embrulhasse muito no «Solar dos Barrigas», mas os professores é que sabem.

* * *

Houve depois a prova da dança. Uma senhora nutrida, que fala uma lingua extranha e tem todo o ar de estar ali contra vontade, delibera que eu heide dançar um minuete. Não vejo para quê mas a professora teima e todos os sete armamos ali uma cégada á dança. Como os homens são em menor numoro que as mulheres, a professora ordena que uma das concorrentes se vista de «travesti» para completar o grupo, e a desgraçada que por acaso tem o fisico o mais feminino possivel, lá se vae vestir de homem, protestando porqne não foi ali para fazer exame de macho, nem tenciona ir para o teatro dedicar-se a homens. A professora afiança que tomará isso em conta e vamos fazer a prova para um gabinete fechado porque se a policia vê uma dança d'aquelas, ninguem nos tira seis meses de Limoeiro.

* * *

Em seguida vamos á prova de caracterisação. A uma concorrente sahiu a «Carmen» no segundo acto, a outra a «Madame Butterflay», a outra que vai para ingenua, a «Maria Parda» e a mim que quero ser caracteristico, o galã dos «Velhos».

Argumentei aos ilustres professores dizendo-lhes que era talvez preferivel fazer-mos uma prova de caracterisação por edades, isto é, fazer-mos uma cara de vinte anos, outra de quarenta e outra de sessenta, mas os ilustres professoras é que sabem.

Borramos a cara e depois de uns leves retoques, os ilustres professores concordam que estamos tal qual o que eles pensaram. Causa-me isso espanto porque eu, pela minha parte, não tinha pensado nada e até encarava o tipo de uma outra maneira, mas os ilustres professores é que sabem.

* * *

No dia seguinte houve interrogatorio, a parte mais dificil da exame e para onde eu ia com mais medo pois calculava não saber nada do que me iriam perguntar.

—Ora diga-me:—disse um ilustre professor—Onde é a esquerda?

—Do lado direito!

—Muito bem! Quando um ensaiador diz: Passa a dois, que faz o senhor?

—Ponho-me á esquerda do um!

—Muito bem!

—V. Ex.ª dá-me licença?

—Diga.

—Quando me disserem: passa a noventa e oito, ha alguma maneira pratica para saber o meu logar?

—Sim senhor! Demore-se muito tempo á procura do lapis até que o ensaiador se impaciente e diga: E' ali!

—Muito obrigado!

—O que é preciso para representar? perguntou-me uma ilustre professora.

—E' ter habilidade!

—Não senhor! E' saber o papel de cór!

—Mesmo sem habilidade?

—Sim senhor!

—Quando uma figura morre, que se faz?

—Enterra-se!

—Não senhor! Dobra-se primeiro o joelho para amortecer a queda, depois o cotovelo para amparar o tronco e por fim cae-se de braços abertos!

—E se fôr de uma facada no ventre?

—Da mesma maneira!

—Mas se fôr por efeito de veneno?

—E' sempre a mesma coisa! No teatro cae-se sempre da mesma maneira quer se morra á fome quer por uma queda d'um quarto andar!

—Muito bem!—disse um ilustre professor que até ali tinha estado a dormir.

—Em que terra nasceu Gil Vicente?

—Dizem que em Barcelos! Mas ha duvidas porque se afirma tambem que nasceu em Lisboa e Guimarães!

—N'esse caso o senhor devia responder; De procedencia desconhecida!

—Qual é o genero de teatro que prefere?

—A opereta! E' para onde tenciono ir!

—Opereta?! Estou pasmado! O senhor atrevesse a falar em opereta na Escola da Arte de Representar?

—Sim senhor! E na revista...

—Na revista? — disseram-me em unisono os ilustres professores com cara de espanto — Então o senhor ignora que só o drama antigo é que é teatro?

—Eu sempre julguei que, como nasci ha vinte e cinco anos vinha fazer uma prova de teatro moderno!

—Cala-se! Se o senhor tem a pouca vergonha de falar em teatro moderno dentro d'estas vestustas paredes, mando-o prender! Ora não ha! Queria talvez aprender a representar o teatro de hoje! Era o que faltava! Tem de gramar o Gil Vicente! Pois então! Diga já, depressa: Quaes são as obras de Xinofonte, Plauto, Aristofanes e Julio Dantas?

—Mas, senhores professores, eu supuz que o genero musicado e o teatro dos nossos dias tambem era teatro!

— Talvez seja mas não se uza cá em casa! P'ro teatro moderno temos as «Rosas de todo o ano» e o «Custodia» da Severa!

—Mas o genero musicado...

—E ele a dar-lhe! Considere-se reprovado! Fique sabendo que teatro moderno só conhecemos o antigo e a respeito de genero musicado nem queremos ouvir falar n'isso!

* * *

Esperei no corredor que as provas acabassem e por fim consegui falar a um ilustre professor, lastimando a minha sorte.

—Então que quer você—disse ele.— O meu amigo não fez nada do que lhe mandaram!

—Mas eu...

—O senhor não sabe que aqui só se ensina praticamente o que basta saber téoricamente? Depois vir falar em teatro musicado e teatro moderno! Essa não lembra ao diabo! Os professores afinaram e com razão!

—Mas senhor entendido, eu nunca Julguei qne ofendia!

—Tenha paciencia! Podia ser um mau actor mas se tivesse representado o Gil Vicente ou o Doutor, estava aprovado, assim...

—Ora a minha vida!

—Vamos, vou dar-lhe um conselho: Quer ser actor, sem prova, sem exame, sem nada?! Meta-se a carpinteiro! Pode ser que aparece uma empreza com influencia e está garantido!—e desapareceu com estê conselho que me pareceu tolo mas, os ilustres professores é que sabem...

E aqui está como eu que tenho geito para actor de opereta, não consegui ser aprovado e tive de meter nos miolos o teatro classico, que apenas serve para representar nas recitas de gala do Teatro Nacional...

Mas emfim... os ilustres professores é que sabem...

Coliseu dos Recreios

Grande companhia de circo. Constantes novidades.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do público, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos — Fechado temporariamente.

S. Luiz — Brevemente: Companhia Laura Costa e Almeida Cruz.

Salão Foz — As maiores atrações de Cinema.

Avenida — Dia, 21 «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Fechado temporariamente.

Eden — Brevemente a revista «No Paiz do Turismo».

Nacional — Fechado temporariamente.

Apolo — O «Saltimbanc o» pel companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

Ano I—Numero 40
O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A minha companheira de viagem

Episodio dos nossos dias onde a verdade passa por mentirosa que custa a acreditar...

NA «gare» de São Bento, quando recebia pela janela da carruagem, a maleta que o moço de hotel me entregava, reparei n'aquela mulher, de olhos vermelhos do, choro, palida, com profundos vincos de magua nas faces, os labios descoloridos, trementes de febre e comoção.

Acomodei-me como poude no meu logar desdobrei um jornal do dia, e já me dispunha a lêr, alheando-me do bulicio ruidoso da partida, quando alguem entra rapidamente na carruagem dirigindo-se á janela, ao mesmo tempo que abafava um soluço n'um lenço branco. Oiço uma voz que grita um adeus, o ruido do comboio abafa outras palavras que se trocam e em breve entramos no tunel que esmaga subitamente todas as vozes da «gare».

Na escuridão, sinto que a pessoa que foi á janela da carruagem, se senta chorando. Adivinho uma mulher, na negrura do ambiente. Uma mulher que chóra nervosamente, sem vergonha das suas lagrimas.

* * *

O comboio deixou o tunel. Na minha frente, sentada, está a mulher em que eu reparei na «gare».

Fita-me de repente, enxuga rapidamente as lagrimas e distrae os olhos no aparecimento panoramico da cidade.

... os olhos terrivelmente macerados pelas lagrimas..

Olho-a. E' nova ainda, muito nova, tem os olhos negros e brilhantes, veste singelamente mas com certa elegancia.

Somos os unicos na carruagem. Em vão a minha companheira de viagem, tenta disfarçar a amargura que lhe vai na alma. De quando em quando leva o lenço aos olhos a enxugar as lagrimas que teimam em escaldar-lhe as faces. Causa-me pena aquela mulher. Tento distrai-la.

—Dá-me licença que fume um cigarro? Não a incomodo?

A mulher fez um vago gesto de indiferença, e de novo mergulha o olhar na paisagem que corre ao longo da janela.

Vem o revisor. Quando a minha companheira, estende o bilhete, deixa cair da mala sem dar por isso, um cartão de visita.

Espero que o empregado se afaste, depois apanhando o cartão, entrego-o á mulher dizendo:

—Deixou cair este bilhete da sua mala...

Faz um leve sinal de agradecimento e... nem uma palavra.

—Talvez seja muda!—monológo—Ou então não quer falar! Deixemol-a em paz!

E comecei a lêr o «Blanco e Negro» comprado na estação.

* * *

Vejo o relogio. Ha duas horas que vamos em viagem. A minha companheira ainda não tirou os olhos da paisagem que, n'uma vizão de cinema, passa entre a pequena moldura da janela, e eu já lia os anuncios.

Subitamente a mulher olhou-me de frente e, intempestivamente, em silabas sacudidas, pergunta-me:

—O senhor é de Lisboa?

—Sim senhora!—respondo um tanto surprezo.

—Conhece lá um sujeito chamado Julio Gomes da Silva?

—Não! Não conheço!—e quer pela expressão que a minha companheira punha na cara, quer pela sua pergunta, pensei—E' tonta!

—Pois eu vou á procura d'ele

—Onde?

—A Lisboa!

—Mas... não sabe a direcção?

—Não sei nada! Sou d'aqui do Norte! Nunca fui a Lisboa!

—Mas, esse sujeito...

—Foi o homem que me perdeu! Viveu comigo ano e meio e ha trez dias fugiu para Lisboa abandonando-me! Eu vou á procura d'ele!

—Mas, minha senhora, Lisboa é uma cidade muito grande! Não lhe será facil encontrá-lo!

—Todos me dizem isso, mas eu hei-de encontral-o! Juro-o! E os olhos toldaram-se-lhe de lagrimas que a pouco e pouco lhe deixavam nas faces um sulco luzidio de amargura.

* * *

—Eu morava na Rua de Cedofeita, ele tinha um escritorio mesmo em frente da minha casa! Um dia declarou-se. Eu que não gostava do homem com quem tinha casado, simpatisei com ele e, em pouco tempo, fomos amantes!

Um dia meu marido soube tudo! Pôs-me na rua só com o que eu trazia vestido! Fui viver com o Julio para uma pensão da Rua do Bolhão.

O primeiro ano, foi um ano de felicidade! Julio era muito meu amigo e eu gostava muito d'ele! Fomos muito felizes! Eu raramente sahia, só ás vezes ia com ele ao cinema! Meu Deus! como eu fui feliz!—e a mulher a custo enxugava as lagrimas crueis que lhe brilhavam sobre as faces como perolas deslisando suavemente.—Ele ganhava pouco mas, como eu era poupada, ia-mos vivendo contentes, alegres e felizes!

Ha mezes porem, o Julio mudou muito! Ia tarde para casa, não queria sahir comigo e por duas vezes me bateu sem razão!

Umas amigas disseram-me que ele namorava uma pequena na Bôa-Vista. Fui espreita-lo e vi que era verdade! Em casa disse-lh'o, descompul-o, e ele cinicamente confessou que sim, que pensava em casar e que eu não me metesse na sua vida porque senão fazia uma asneira!

Eu passava os dias a chorar e, como um animal, esperava cheia de resignação que ele viesse ás tantas, quando acabava o namoro! O que eu sofr que eu sofri!—E a mulher, presa dum horrivel sofrimento, parou a narração, lenço colado á boca n'um gesto febril de sofrimento.

Desculpe! Cada vez que me lembro! —e depois n'um esforço—Suportei tudo! Maus modos, pancadas, privações! Tudo! Até que na qninta-feira, esperei, esperei até de manhã e ele não apareceu! A's dez horas o correio trouxe-me uma carta d'ele, dizendo que fugia de mim para ficar livre! Para podor gosar á vontade!

Soube por um amigo que o Julio tinha vindo para Lisboa, empenhei os meus brincos, comprei o bilhete e aqui vou!

—Mas...—arrisquei—Que tenciona fazer?!

—Olhe—disse a mulher abrindo a maleta e mostrando-me um pequeno revolver nikelado—Vê este revolver? Tem seis tiros! Chegam para mim e para ele!

Estremeci sem querer. Aquela mulher, ebria de ciumes, ia talvez cometer um crime, desgraçar para sempre duas vidas!

—Mas... Pense bem...

—Não perca tempo!—disse ela—Minha mãe nada conseguiu! Tomei esta resolução depois de pensar muito! Pode se quizer entregar-me á policia logo que cheguemos a Lisboa! Assim que me soltarem, irei fazer o que pensei! Nem que ele fuja paro o Brazil!

—Mas atenda...

A minha companheira de viagem, desviou bruscamente o olhar para a janela n'um gesto de fastio.

Não lhe disse mais uma unica palavra. Fizemos o rasto da viagem em silencio. Eu, perdido em pensamentos varios acerca d'aquela tragedia, ela, enxugando de quando em quando as lagrimas que lhe queimavam a cara.

—Um dia ele deixou de ser o mesmo...

* * *

—Campolide!—disse eu, tirando a minha maleta—A seguir é já Lisboa!

A mulher, poz de pé, arranjou rapidamente o cabelo e encaminhando-se para o corredor da carruagem, segredou:

—Bôa tarde!

—Pense no que vai fazer...

Olhou-me um momento e depois, n'um gesto sacudido, fitando-me bem!

—Já pensei... Não tem remedio...

* * *

Tres dias depois, topei o meu amigo Gervasio Sousa junto do elevador da Gloria.

—Tu por aqui?—disse-lhe—Não estás por bom...

—Estou á espera... d'uma mulher...

—Bonita?—indaguei rindo.

—Razoavel... E' conquista fresca! Arranjei-a hontem no «Tivoli»!

—Alguma princeza!?

—Queres conhece-la? Olha, é aquela que ali vem...

Fiquei por méra curiosidade mas... era ela, a minha companheira de viagem!

—O meu amigo Z... a senhora Dona Ivone...—apresentou o meu amigo.

E logo ela, estendendo-me a mão:

—Já nos conhecemos! Fizemos a viagem juntos!—e depois, n'um sorriso alegre—Sabe? Pensei! melhor Resolvi não fazer nada do que lhe contei! —e tomando carinhosamente o braço do meu amigo. Vamos Gervasio...

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

"APONTAMENTOS DE UM GATUNO BOM"

O "chauffeur" DIABO

Pagina sensacional onde se descreve um drama de miseria dourada e de "chantage" repugnante praticada por um "chauffeur" duma familia da alta sociedade.

PUBLICÁMOS, ha dias, com grande exito de leitura, uma pagina cheia de emoção e de interesse, recortada do «livro de apontamentos dum gatuno bom», celebre manuscripto que existe nos arquivos da policia lisboeta, e que é um admiravel manancial de ineditos assumptos.

Doutra pagina do mesmo livro tiramos agora a intensa narrativa de hoje, a que apenas emprestamos a nossa redação, conservando inteiramente a parte episodica e a conclusão do assumpto. Iremos estudando em pequenas novelas a curiosissima personagem do «Gatuno bom», que merece, pelo seu excepcional recorte espiritual, a nossa atenção e a do leitor.

* * *

Foi em Paris, numa festa sumptuosa dada na redação da «Vogue» sob a direcção de Poiret, que eu conheci Madalena, seu irmão Ruy, e essa encantadora figura que era M.me Santelmo, mãe dos dois, indiana de origem, portuguesa pela cultura, pelo coração e pelos habitos.

Esta familia Santelmo era e é conhecida em Lisboa. Ficara M.me Santelmo viuva, com os dois filhos, aos trinta anos, rica, riquissima, com uma vaga ideia acerca dos bens confusos do marido, em roças, em vivendas e em plantações por S. Thomé e por toda a Africa Oriental Portuguesa.

Creára, madame, os filhos com disvelos de mãe amantissima e generosa, como as mães portuguesas, não sabendo mais do que chorar para os males dos filhos e, permitindo, com o nome de ternura, a satisfação de todos os caprichos futeis e doentios da gente rica.

Conheci-os em Paris, e em Paris lhes fui varias vezes util—desta utilidade de quem está em sua casa e conhece os cantos favoraveis e discretos. Ficamos com relações de amisade cortez e polida, e jantei com eles semanas seguidas no Ritz, á hora doirada e maravilhosa das grandes elegancias. Mal adivinhava eu que mais tarde a minha simpatia quasi indiferente pelos Santelmo lhes seria tão especialmente util...

* * *

Deem comigo um pequeno pulo a uns quinze anos atraz—E' na altura em que eu tenho as ilusões dos 20 anos e entro, louro e sorridente, no velho quartel de caçadores 5, instalado a S. Jorge, nesses tempos tranquilos dos progressistas e regeneradores. No dia em que assentei praça e vim ao Rocio passear a minha farda nova de listas azues, conheci um camarada—Sergio Pereira. Era um homem forte e moreno, o olhar obliquo e profundo, a testa larga e bem desenhada, o nariz fino. Houve uma desordem a S. Domingos e esse homem manifestou-me logo, na sua rapida intervenção, o caracter que eu viria mais tarde a conhecer tão bem. Alguns meses passados, depois da recruta, Sergio Pereira, revoltado contra o rancho, era o cabecilha daquela sublevação de praças que teve como tragico epilogo a morte dos dois sargentos ás Escadinhas de S. Cristovam. Depois—mais nada. Foram presos os outros, e Sergio fugiu como fazem sempre os mais espertos, deixando os companheiros a contas com um pesado Conselho de Guerra. Eu dava homem por mim, como todos os rapazes de condição faziam nesse socegado tempo das vacas gordas, e safei-me para Paris.

* * *

Foi pouco a pouco que eu conheci o drama todo, o drama terrivel dos Santelmo.

Dei-me a frequentar o palacete da Santelmo, nos chás, no medico, nos teatros, nas reuniões dos grupos munnanos, gastavam os seus dias que começavam ás 5 da tarde e terminavam de madrugada.

Tinham dois automoveis—e alem dos moços de limpeza da garage, um homem alto e moreno, forte e sobranceiro, cara rapada e olhar obliquo, guiava os carros...

* * *

Entrei na penumbra do salão particular de M.me Santelmo. Ela limpou apressadamente os olhos, e disse-me logo: O Ruy e a Madalena foram para Cascais...

«Já não conheces o 23 da 1.ª companhia»

Avenida Duque d'Avila, um pouco deserto, das relações mundanas, naquele começo de verão, e consegui por lentas observações prescrutar a intimidade daquela tragedia moral.

O Ruy era um doente. Um pobre degenerado incerto e morbido, onde se exacerbara aquela bondade excessiva da mãe, tomando aspectos duma semi-loucura lucida, sem virilidade nem assomos de energia, decrepito aos 20 anos. Madalena era uma leviana perigosa e não menos doente que o irmão. A mãe uma dôce velha que chorava, com perolas famosas sobre o colo moreno e farto, e com grossos bagos de diamantes nas orelhas.

Rodeados de creadas e creados, os

—D'automovel?

—Não. De Comboio... «O chauffeur» está adoentado...

Fez-se um silencio. Por fim, cerrei um pouco mais a janela, sentei-me num «maple» e disse-lhe a meia voz:

—Conheço todo o seu drama, M.me Santelmo.—Ela teve um sobresalto.

—Sou seu amigo,—prossegui.—Conheço a triste vida irregular do Ruy, o suficiente para nada lhe dizer sobre ela, e conheço tambem a vida de Madalena...

—Meu amigo...

—Diga-me uma coisa, Madame. Ha quanto tempo as serve este «chauffeur»?

—Ha tres anos. Tem sido uma tortura, um inferno. E' uma infamia, a infamia maxima, meu amigo. Uma «chantage» horrivel, mas que eu não sei como evitar!

—De que as ameaça?

—De tudo! Do escandalo, do crime, de tudo. Tem uma fascinação, um poder sobre a Madalena, que é a tortura dela e a nossa. Como fugir-lhe? Ao Ruy ameaça-o tambem, de miserias, de enxovalhos... Estamos aqui ás suas ordens. E' ele positivamente o dono de tudo. Ordenado, é o que quer. Os carros nunca saem, senão quando êle quer. Para irmos a um teatro temos que alugar um. Ameaças, sobre ameaças, sempre!

Fomos para Paris e de lá despedimo-lo. Negou-se a sair e escreveu-nos uma carta—que carta!—meu Deus! Ir para a policia—mas se êle faz escandalo? E' preciso que saiba, meu amigo, a vida do Ruy e da Madalena não resistem a muita luz..., e, são meus filhos, com todos os seus defeitos. Que fazer?

E no ar ficou essa angustiosa interrogação de M.me Santelmo...

* * *

Minha amiga, disse eu passado um silencio grande—Vá amanhã para o Estoril, e ponha um anuncio para «chauffeur».A' volta parece-me que o seu caso estará arrumado.

* * *

Entrei na garage de manhã.

«O chauffeur»?

—Está a dormir, disse um moço.

—Pois vá chama-lo, e já.

Como o homem se demorasse um pouco, subi ao primeiro andar e empurrei a porta. Na cama estirava-se Sergio Pereira...

—Não me conheces?

—Quem é? O que é que quer?

—Não admira, estou velho...

Sou o novo administrador da Sr.a Santelmo. Venho dizer-te que estás despedido.

—Despedido?... Tinha que ver! Só isso me faria rir! Eles que me venham cá dizer isso!

Avancei para êle disse-lhe:

Já não conheces o «23 da 1.ª companhia?» Não estás nesta casa nem mais uma hora, ouviste? Tens que largar esta gente—vai roubar para outro sitio!

Ele, ergueu-se na cama, e preguntou, insolente, mas com um tremor na voz: Quem manda em mim?

—Eu! Ou queres ir pagar na cadeia as mortes de Cristovam?

Escolhe!

—Pulha!

—Cala-te miseravel! Veste-te e gira! Tens meia hora.

* * *

E lá rolou encoberto mais uns meses o drama doirado e sujo dos Santelmo... Mas, emfim, enchuguei as lagrimas duma mulher.

pela narrativa

O Reporter Misterio

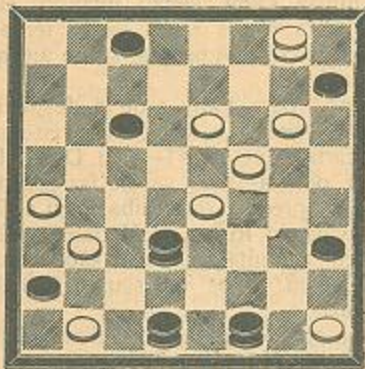
PASSA-TEMPO

DAMAS

Solução do problema n.º 38

	Br ncas	Pretas
1	6-9	13-6
2	5-9	14-5
3	25-30 (D)	23-14
4	30-23-16-2-9-18-32	5-1 (D)
5	32-28	1-?
6	28-1	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 30

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 1 D e 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 37 os sas.: Artur Santos, Fa-mi, José Magno, M. Barata, Santelmo, Um Chiquito, Um oficial, Um principiante, José Brandão, a quem devemos o muito apreciavel problema, hoje publicado, e que nos diz ter-lhe sido apresentado, ha anos. Todos os amadores, certamente, lh'o agradecerão.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo de Damas*. Dirige secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

LEIA

AS CONDIÇÕES

DO

NOSSO CONCURSO

DE

NOVELAS CURTAS

CORREIO DO

MOINHO DE PACIENCIA

TIO & SOBRINHO.—Queiram ler o «Regulamento» publicado no ultimo numero. Agradeço se dignem enviar-me mais alguma colaboração.

ORDISI.—Desejaria ser-lhe agradavel satisfazendo o seu pedido; porem, não acho certas as charadas enviadas. Nem no dicionario indicado nem nos que possuo acho a confirmação de dois conceitos parciaes e nem tampouco dum total. Queira, por isso, verificar, fazer as emendas necessarias e enviar-me tudo prontamente afim de satisfazer os seus desejos.

A. M. C.—No que diz, em parte, tem razão. De futuro procurarei a melhor forma de lhe ser agradavel, tomando em consideração a sua reclamação. Satisfeito?

PATO BIGAS.—Recebi as «suas produções». Em face do novo regulamento só tem aceitação as «em frase. «Então o colega não sabe quem é o auctor das suas produções?»...

LOPES COELHO. — As gralhas aparecem por vezes, bem contra minha vontade mas paciencia... para elas já conto com benevolencia dos meus ilustres confrades.

Apreciei as suas considerações e, no intuito de lhe provar que interesse algum tenho em o prejudicar—nem a si nem a qualquer colega—observarei, de futuro, tudo com o maximo rigor para que «justiça seja feita». Julgo deixar assim satisfeito os seus desejos.

REI-BARRO,—Queira ler com atenção o novo regulamento publicado no ultimo numero.

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO A CARGO DE **REI-FERA**

QUADRO DE HONRA

VAGO

QUADRO DE DISTINÇAO

21 DECIFRAÇÕES

LOPES COELHO
ARIEDAM

20 DECIFRAÇÕES

A. M. C.,

18 DECIFRAÇÕES

BISTRONÇO, ROBÚR

DECIFRADORES DO N.º 38.

OUTROS DECIFRADORES:

VASCO H. DIAS, 17—ERRECÊ, 14—TIO & SOBRINHO, 14—AULEDO, 13—PATO BIGAS, 11—MIDA, 9 REI-BARRO, 8

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

Charadas em verso:—Salamalé.
Charadas em frase: — Oportuno, Subtil, Malmequer grande, Anojo.
Sincopadas: — Veleto-Veto, Vapular-Aalar, Trachoma-trama. Ufano-uno.
Aumentativos:—Tostã-o, Furã-o
Electricas: — Aviar-Raiva, Anul-Lena, Agra-arga, Medro-ordem.
Transpostas:—Seba-Base, Gato-Toga,
Truncada:—Croque-Roque.
Dupla:—Calque.
Maçada geografica:—Cabeceiras de Basto.
Em quadro:—Urca, Raul, Cuba, Alar.
Tipograficos:—A napela em soar e o homem em falar, Pardacentos, A rosa nasce entre espinhos, Saudo o grande charadista «Rei-Fera».
Enigma figurado:—O fim corôa a obra.

CHARADAS EM VERSO

(1)
Um amigo *do Quevedo*—1
Quiz'ma *nota* consultar;—1
P'ra ver se teria medo,
De c'o outra *nota* lutar.—1

Esta nota respondeu:
Não espero algum sucesso,
Pois tanto ela como eu
Dependemos dum *processo*

AVIEIRA

(2) *(A Georgina Ribeiro)*

Gostei da *bebida*—1
Que lá no Barreiro,
Nos vendeu *um homem*—2
De aspecto *grosseiro*.

VASCO H. DIAS

(3)
A *freira* que viu ha dias—2
Na Rua da Mouraria,
Oferece boas coisas—1
Julgando ser *ninharia*

AFRICANO

(4)
Numa mão tenho uma *bolsa*,—2
E na outra um *animal*—1
Que se *oferece* a quem trepar,—1
A *est'arvore* sem egual.

LHERY

(5)
A Rei-Fera. Agradecido—2
P'la vossa retribuição
Já sei que foi escolhido
P'ra chefiar a Secção.

O seu *dominio*, Rei-Fera—1
No charadismo, é razão
P'ra lhe enviar mui sincera
E amistosa *saudação*.

REI-MORA

LOGOGRIFO

Comprimentando todos os colegás que me teem dis-inguido com as suas dedicatorias e agradecendo.

(6)
Vem rompendo o dia.
Todo esbrazeado
e avermelhado,
o Rei da alegria,

o *sol* invejado,—9-8-4
surge *meigo*. Chia—5-10-7-6
um carro, além, pia
'ma *ave* do eirado—1-3-1-3-1

De *fardo* ás costas,—7-1-3-2-3
um pobre aldeão
lá vai, bem dorido,

subindo as encostas;
implorando o pão
mui *reconhecido*.

REI-FERA

CHARADAS EM FRASE

(7) O *ordenado procuro* com *cuidado*—1—2

PATO BIGAS

(8) Ele *arranca* aquela *planta* com o *instrumento*—2-2

(9) Aquele *homem* tem por *divisa* um *peixe*. -1-2

MIDA

Aos colegas «Luzitanicos» e «Democrito»

(10) Não consegui saber qual o nome 'do cetaceo nem quem era o filho de Iphicles, mas *agora* reparo que *olha de esguelha o filho do Ceu e da Terra!*—1-2

DROPÉ

(11) Quando um dia os jornaes noticiaram a descoberta de uma *constelação austral*, estava a minha *parente* a cosinhar uma *iguaria brazileira* e eu *no Vale* de Santarem a semear a *planta*.—2-2-2-1

LOPES COELHO

(A Georgina Ribeiro)

(12) Este *planeta* é *de todos* o mais *formoso*.—2-1.

VARCO H. DIAS

(13) *Limpa de pó* e teias d'aranha os margens do *rio*, usando para isso duma vassoura de *gilbarbeira* 4-2

A. M. C.

(14) O senhor veja se me *extrae* este *dente* para ver se assim consigo *colher as velas*.—2-2.

PRIMO-LOBO

(15) V. *folga* por eu me ferir na *planta espinhosa!* Não deve ser bom *homem!*...—1-2

(16) Custou-me uma *nota* de mil escudos uma *bola encarnada do bilhar*, naquele *dia*.—1-2.

(17) Plantei um *lirio* nesta *caritativa cidade*.—1-2

(18) Compreendi tudo, quando *reparei* que o *vosso*. olhar se dirigia para a *cidade*—1-1

REI-BARRO

(19) O *assucar* que *alem* está é para oferecer a quem achar uma *peça de gamão*—2-1

(20) Foi nesta *caixa* que eu meti o *animal* que molestou a *planta*—2-2

LHERY

(21) *Maravilha* como estes *animaes*, fazem de meu primo um estouvado.—3-2

(22) Na *cidade* não se *vende a credito* este *doce de ovos*.—2-2

F. Foz BIO

(23) Em *frente* da porta, para haver *socego*. coloquei um *biombo*.—2-2

REI-MORA

(24) *Muito calçado* rompe o *saltimbanco!*—2-3

Porto REI DO ORCO (G. E. L.

INIGMA

(25)
Vou citar-lhes seis letrinhas,
Com as quaes podem fazer,
Depois de combinadinhas,
Lindo verbo, podem crer.

Apenas duas vogaes,
As outras são consoantes,
Prima e sexta são eguaes,
Diferentes as restantes.

Depois da quarta, a primeira,
Quinta e segunda seguidas,
Dar-lhes-hão desta maneira,
Tres artistas reunidas.

A terceira com segunda,
E sexta no encerramento,
Com a magua mais profunda,
Encontrareis no convento.

O enigma que aqui fica
E' bem facil d'encontrar.
E verão que significa
Simplesmente, mastigar.

Porto ERRECÊ

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 39 (2.º premio 1923)

Por B. Sommer

Pretas (8)

(Brancas 10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 37

1 B 4 R

Recebemos as soluções dos srs. Marques de Barros Vicente Mendonça.

O Problema de hoje apresenta quatro intercepções mutuas entre Torre e Bispo.

CONTINUAÇÃO)

Uma pagagem ocorre onde uma peça está colocada de tal modo que movendo-se deixa o seu Rei em cheque de uma D, T ou B. A peça cujo movimento está impedido deste modo diz-se pregada e a que faz a pegagem diz-se peça pegadora.

Para os nossos pobres

Transporte	159$50
J. D. P. Alcobaça	1$50
Condé	1$00
Maria Costa	4$00
Bepacujo	4$00
Judeu Errante	4$00
John Edward	1$50
Curioso	4$00
Ashaverus	3$00
Vaz	1$50
Vascoalonso	1$00
Abellard	1$50
A transportar	186$50

VARIA

HORIZONTALMENTE

1—Materia que sai do vulcão 2—Clava 3—Gemido 4—Caminhar 5—Elo 6—Dia 7—Peso 8—Vós do gato 9—Liberta 10—Batraquio 11—Carta 12—Ofertai 13—Medida 14—Ave da America 15—Circulo 16—Pistola 17—Arvore sagrada entre os canarins 18—Irmã de Arthemisa 19—Duas letras da palavra «Aviso» 20—Tende mão! 21—Dança popular 22—Nojo.

NOTA.—X.—O problema que nos enviou, por não satisfazer, não o podemos publicar.

VERTICALMENTE

2—Nota de musica (plur.) 3—Armadilha 5—Elemento 13—Fogueira 14—Peixe 15—Liga 16—Pedras 18—Liga 23—Peça da sege 24—Perfume 25—Animal roedor (fem.) 26—Cidade de Italia 27—Instrumento de cordas 28—Une 29—Estudei 30—Vamos! 31—Medida 32—Batraquio 33—Partida 34—Apelido 35—Esteiro 35-A—Tiro 36—Veste 37—Utilisar 38—Pouco vulgares 39—Movel.

Soluções do ultimo numero

HORIZONTALMENTE

1—Foz 2—Ceu 3—Lar 4—Ar 5—Cidra 6—Má 7—Dia 8—Mel 9—Oos 10—Ao 11—Somar 12—Rã 13—Nau 14—Ana 15—Dão 16—Elo 17—Mar 18—Aso 19—Só 20—Ardor 21—Ao 22—Aer 23—E. I. R. 24—Use 25—I. d. 26—Abaca 27—Ir 28—Rãs 29—Oro 30—Usa.

VERTICALMENTE

1—Fada 2—Cimo 4—Ada 6—Mora 11—Suára 14—Alar 17—Moeda 19—Saír 31—Orion 32—Edema 33—Orla 34—Amora 35—Raza 36—Rolar 37—Ada 38—Nós 39—Adiar 40—Oasis 41—Rebo 42—Orco 43—Bera.

CONCURSO

Até ao dia 15 de Novembro p. f. fica aberto um concurso para estes interessantes problemas, com 2 premios assim distribuidos.

«1.º Premio».—Para o desenho mais original.

«2.º Premio»—Para o problema mais bem feito.

Todos os outros problemas recebidos, serão publicados desde que reunam as necessarias condições.

Os desenhos deverão ser feitos em papel branco e a tinta da China, e enviados em carta a esta redação com a indicação de

CONCURSO DAS PALAVRAS CRUZADAS

O formidavel exito

DO NOSSO

Concurso de Novelas

Ultrapassou todos os prognosticos o sucesso do nosso Concurso de Novelas Curtas. Até esta data deram entrada na nossa redação, oitenta e seis originais de novelas que serão devidamente apreciadas por um júri, afim de se fazer a classificação para a distribuição de

3 GRANDES PREMIOS

E MAIS

6 PREMIOS

As condições do Concurso são as seguintes:

— Os concorrentes entregarão os seus escritos até ao dia 30 de Outubro nesta redação em carta fechada e dirigida ao CONCURSO DE NOVELAS CURTAS.

— As novelas deverão ser escritas em letra legivel, duma só face do papel e nunca superiores a quatro folhas de papel almaço.

— O tema das novelas pode ser, policial, tragico, sentimental ou de aventuras.

— Deverão ser observados os principais caracteristicos das novelas que aqui temos publicado, e que são: Acção rapida, humana, consisa, dividida em pequenos periodos e de preferencia focando a vida dos nossos dias, nas suas tragedias e ambientes.

O Concurso é encerrado no dia

30 DE OUTUBRO

ATÉ LÁ, TODOS PODEM CONCORRER

As novelas não classificadas nos nove premios, mas que ofereçam condições, serão publicadas em

GRAFOLOGIA

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

LIVINGSTONE.—Caracter impulsivo, inteligente e com um juizo claro e certo dos homens e das coisas. Energia moral, simplicidade, franqueza, muita dignidade e orgulho proprio sem vaidades pueris. Sentimento de arte em todas os suas manifestações, cansaso por pensar muito, ideias fixas nada mudaveis, generosidade bem entendida, sentimento do dever, amor á verdade, ordem, sensualidade fortissima e muito bem equilibrada.

ROMANTICA.—Voluntariosa, inteligente intuitiva, vaidosa, sentimento poetico, muito desenvolvido. Um tanto desconfiada, amor á estetica, boa diplomata quando quer, distinção, ideiais proprias, ciumenta e teimosa.

SUFRAGISTA O ISTA.—Leia «Romantica» que se parece consigo.

MORANGUINHO.—Caracter influenciavel e ciumento, fia-se em tudo quanto lhe dizem. Ordem, dedicação, bôa memoria, vaidade interior mal dissimulada, imaginação sonhadora. Amor á musica, tem muitas vezes vontade de ralhar mas contem o impulso, nervos fracos, generosidade... ainda não pensou se a deve ter ou não.

SÉOJ.—Inteligencia mediocre, temperamento sensual e apaixonado, ciumes, optimismo, indecisão, más ideias. Bôa memoria para detalhes e má para o estudo, amor pelo fado e pelos romances. Habilidade manual, espirito religioso, trato afavel.

UM MARITIMO.—Inteligencia pouco cultivada, nenhuma vaidade, um tanto filosofo, generoso, intuitivo, supersticioso e idealista. Ideias independentes, reservado, ajuizado, energico, pratico. Espirito religioso convencido.

LIMONADA.—Bôa e cultivada inteligencia, ambição por calculo, energico, orgulho intimo. Sensualidade fortissima, espirito critico e ironico, generosidades prodigas mas...: intermitente. Valente mas não leal, muito habil diplomata, teria sido um bom general. Amor ás artes plasticas, sobretudo á pintura.

Por doença da nossa colaboradora «Dama Errante» não podemos dar hoje o numero habitual de respostas a consultas.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhado de um escudo para — «A DAMA ERRANTE». Rua D. Pedro V, 18 — LISBOA.

SEZEFREDO SIZENANDO (Lisboa).—1.º As suas dôres reumaticas articulares proveem, pelos sintomas que me dá, unicamente de acido urico que V. Ex.ª tem em quantidade consideravel.

2.º As colicas renaes que tanto o apoquentam não tem tambem outra causa.

3.º Se as urinas já arrastaram para fóra, areias, noutros tempos e agora não sucede isso, é que V. Ex.ª não está fazendo medicação racional.

4.º Abandonæ o «Urodonal» e passe a tomar «Urol».

5.º A alimemtação que lhe convem, está indicada no prospecto que acompanha o frasco.

NOEMIA RAMA DE LOURDES (Aveiro)—Para a consulta proxima, se dela precisar, terá a bondade de dividir os assuntos. Passo a responder a V. Ex.ª:

1.º Não se devem desprezar as constipações. Por isso, está V. Ex.ª ás voltas com uma bronquite cronica. Receitar-lhe-ia o »Alcatrão Guyot se nós não tivessemos formula egual e egualmente eficaz: o «Licor de Alcatrão» que V. Ex.ª pedirá á Farmacia Formosinho, Praça dos Restauradores, 18, Lisboa.

2.º As lavagens constantes com agua iodadada não são recomendaveis. Para as irrigações, o ideal é o «Gynol».

3.º Já experimentou V. Ex.ª a «Nucleocalcina«? Eu não conheço melhor para anemias, mesmo para tuberculose. O caso de V. Ex.ª está longe de oferecer gravidade mas precisa ser atentamente vigiado. Se recorresse á «Nacleocalcina» desde o começo dessas canceiras, não se sentiria agora abatida fisica e moralmente.

Mas, como lhe digo: Não ha razão para se inquietar. Tome V. Ex.ª esse preparado e faça uma alimentação sadia. Repouso e leitura bem dirigida... Nada de historias tetricas de romances complicados, e, muito menos, pensamentos negros...

SALUSTIANO VI (Lisboa)—Nos casos de limfatismo, escrofulismo, tenho empregado com grandes resultados, o «Iodonal». O seu pequeno poderá tomar 1 colher das de sobremeza, ao começo de cada refeição. E' a dose relativa á sua edade.

DOLORES (Lisboa).—Não sou do mesmo parecer do medico a quem V. Ex.ª se dirigiu. Não vejo necessidade de estar a castigar o estomago do pequenito com tanta droga. O ideal seria um medicamento inofensivo que ao mesmo tempo suprisse os alimentos que ele sistematicamente recusa.

Encontrará V. Ex.ª esses dois elementos na «Nutricina« que é um suco de carne crua com glicerosfosfatos em solução glicerinada. Voltar-hão as forças e apetite, descance V. Ex.ª. De resto, é um medicamento que se receita a adultos, e, até em casos gravissimos.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

Actualidades gráficas

O ANIVERSARIO DUMA GRANDE TRAGEDIA!

A morte tragica de Antonio Granjo, no Arsenal da Marinha.

Alguns anos passaram sobre a grande tragedia do Arsenal. O exemplo terrivel dessa noite sangrenta, em que os patrioticos ideais não foram suficientes para dominar os instintos bestiais — devia acalmar os odios sempre acesos. Tenhamos alegria de viver; desanuviemos o ar que respiramos; amemos a terra donde viemos e para onde inevitavelmente voltamos e sejamos, sempre e sobre tudo generosos. Que o horror desta pagina ilumine algumas cegueiras!

(Reconstituição apreendida pelo governo Antonio Maria Coelho)

AS GRANDES FIGURAS DE SPORT

O engenheiro Correia Leal, prof. da Escola de Guerra, grande tecnico sportivo português que retomou as suas funções no nosso jornal.

A REVISTA DE TEATRO *COMEMORA O SEU 3.º ANIVERSARIO PROMOVE UMA HOMENAGEM POSTUMA A JOSÉ RICARDO, EM SINTRA.*

Momento em que o Sr. Dr. Raul Gonçalves, Presidente da Camara de Sintra produz o seu discurso ao inaugurar a Rua José Ricardo, por iniciativa do grande magazine «de Teatro». Por detraz do orador o Sr. Guilherme Pereira de Carvalho Junior, director daquele nosso colega.

A FESTA DOS MERCADOS

Dr. Joaquim Manso, director do «Diario de Lisboa» e publicista ilustre, que acaba de lançar a ideia admiravel da primeira festa dos mercados.

PUBLICIDADE

BRISTOL CLUB

O melhor de todos

JOALHARIA E OURIVESARIA

PRATAS ARTISTICAS

Marianno Costa

245, RUA AUREA, 247

TEL. 2393 C. LISBOA

JAPONIKA

É o melhor e o mais antigo esmalte

Agentes geraes para Portugal, Ilhas e Colonias

Chemical Produces Ltd.

RUA DA MADALENA, 45, 1.º

LISBOA C. 4374

ATRACÇÕES PELAS MAIS FORMOSAS ARTISTAS

Dancing—Orchestr Gounod

Das 5 da tarde ás 5 da madrugada

TODOS OS DIAS NO

Alster Pavillon

38, Rua do Ferregial, 40

UNICO CABARET ARTISTICO DE LISBOA—CAFÉ, CERVEJA, WHISKIES, COCKTAILS, LICORES, ETC.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.da

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

O melhor **O. M.** A melhor

automovel ::: marca :::

O unico automovel bom

..ESPIRITA

TUDO consegue rápido, faz e desmancha casamentos, resolve todos os negocios, etc.; trata com seriedade. Pelo correio enviar dez escudos; consultas das 10 ás 19 horas.

RUA DO SOL AO RATO, 215, 3.º

O DOMINGO

ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º LISBOA

TELEF. N. 908

FUNERAES

Dos mais simples aos de maior pompa

Mario Augusto da Silva Milheiro

131, RUA DOS ANJOS, 133

LISBOA

Trasladações para todos os cemiterios, provincia ou estrangeiro. Urnas, armações, corôas, etc.

Funeraes dos hospitaes, morgue e particulares

TELEFONE 1094 N.

PREÇOS REDUZIDOS

Chamadas a toda a hora

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL RESTANTES PAIZES ESTRANGIERO

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

A industria nacional

A casa de malas, carteiras, e outros artigos congéneres, "A original" Rua da Palma, 266-A., que possue um sortido monstro das malinhas da moda para senhoras.

Veja o nosso concurso de novelas curtas